









ENSINA-ME A VOAR  
SOBRE OS TELHADOS  
JOÃO TORDO



*É fraqueza desistir-se da cousa começada*

CAMÕES



*A José Quadros*



Por vezes, para se contar uma história extraordinária,  
é preciso, primeiro, contar uma história banal.



1. Os Prolegómenos  
(ou Uma História Banal)



No Inverno desse ano longínquo, abandonei toda a esperança e entreguei-me nos braços dos meus semelhantes, cansado e grato, como todos os sobreviventes. Juntei-me a uma irmandade cujo nome permanecerá na sombra. Não é difícil adivinhar qual. Sofria de alcoolismo e de outras dependências, assumira finalmente a derrota. Os meus companheiros trouxeram-me de regresso à vida; a boa vontade, o tempo e uma força misteriosa que intercede em nosso favor, qualquer coisa que não tem nome, repararam aquilo que eu julgara para sempre arruinado.

No final do primeiro ano de abstinência, por sugestão de Alexandre, um alcoólico mais experiente, dei voz à minha rendição. Numa noite de lua cheia (ou quase cheia: três quartos de lua, por assim dizer), pus-me de joelhos junto da cama. Fechei os olhos, a frescura do Verão colou-me as lágrimas ao rosto, e rezei, sem saber o que fazia. Uni as mãos defronte do rosto, os dedos aninhados uns nos outros, as pernas a tremer; pronunciei em voz baixa, tolhido pelo medo, a oração sugerida. Algumas pessoas rezam porque acreditam, outras porque chegaram ao fim de um caminho pedregoso, obstinado. Eu pertencia a esta segunda categoria. Os anos que se seguiram foram

extremamente dolorosos. O meu companheiro não me avisou de que, quando um homem se rende, é como se entregasse o corpo para ser esquartejado numa arena. Ninguém nos garante que há um plano infalível, nenhuma alma caridosa nos passa uma certidão de absoluta certeza. Reconquistamos o direito de voltar a lutar. Rendemo-nos novamente. É cíclico, faz parte da natureza humana – ou é a natureza humana. E assim foi. Nos anos seguintes, o meu mundo sofreu um abalo sísmico de ampla magnitude. Em três anos perdi cinco empregos. Divorciei-me. Apaixonei-me, e fui abandonado. O meu filho foi levado pela minha ex-mulher para outro país. Passei o final da década de oitenta do século XX, e o princípio da de noventa, a viver como uma criatura abandonada, num apartamento minúsculo na Rua de São Marçal, um quarto andar que gelava no Inverno e sobreaquecia no Verão, onde me deitei sozinho muito mais noites do que desejaria, mas onde também aprendi a conviver com quem eu era – um trintão solitário e forçadamente abstémio, praticante da nobre estratégia da fuga, perito na exímia e refinada arte da mentira. Havia outros como eu, e isso consolava-me. Não estava sozinho na tentativa de descobrir o que se encontra do outro lado desta insondável cortina de separação.

O meu filho nasceu surdo. Chama-se João e vive hoje com uma mulher italiana que ensina língua gestual. À nascença, durante o parto, ele não chorou, mas os médicos disseram-me que as duas coisas não estão relacionadas – nascer surdo, não chorar –, pois uma criança surda também sofre do choque de separação quando é despegada do lugar morno que é a barriga da mãe, trazida para um mundo onde à primeira golfada de ar

é invadida de *pathos*. Nascer é o inferno, concluí, quando assisti ao parto do meu único filho.

Semanas depois, em casa, olhando-o deitado no berço, de olhos arregalados, aqueles olhos enormes, esverdeados, que João tinha à nascença, o cabelo estranhamente arruivado (tanto eu como a mãe somos morenos, com aborrecidos olhos castanhos), tive a certeza de que trocaria de bom grado a minha vida pela dele; ou todas as vidas que eu tivesse tido e pudesse vir a ter pela dele, ou a capacidade que eu tinha de ouvir – e de me irritar e zangar com o que ouvia, mais do que amar os sons deste planeta – pela sua incapacidade. Era apenas um bebé, ali deitado, vestido de azul-turquesa, os braços a moverem-se como se ainda não lhe pertencessem, os tentáculos de um polvo desorientado no fundo do mar, e aquele ar tão atento de uma criança que vive como se estivesse mergulhada num aquário, ainda submergida no líquido amniótico, infinitamente aparvalhada com o espectáculo do mundo, e eu a chorar e a pensar: o meu filho é surdo, que dor ver um bebé que não é capaz de ouvir, como é que o deus em que eu não acredito o castiga desta maneira, o renega para o mundo dos incapazes, dos proscritos?

Lembro-me de lhe pegar ao colo lavado em lágrimas, de lhe sussurrar ao ouvido algo doce; umas quantas palavras que desceram aos trambolhões, trôpegas, sem qualquer serventia. Aqueles ouvidos eram impenetráveis. Afaguei-o nos meus braços durante uns momentos. Também eu precisava de ser afaçado por um gigante que chegasse e me tomasse nos seus braços enquanto eu embalava o meu filho surdo.

